

Moradores se emocionam com iniciativa

“Foi Deus quem mandou vocês aqui”. Com essa frase a funcionária pública aposentada Izolete Leal Pereira, a dona Izolete, resumia a importância da chegada dos ônibus para levar à escola as crianças da comunidade do Lixão. Presidente da Fundação Brasília de Artes e Humanidades, ela luta há quatro anos para alfabetizar as crianças e melhorar as condições de vida dos moradores da vila que se formou nos arredores do aterro sanitário do SLU.

O agradecimento de dona Izolete foi acompanhado pelo de inúmeras mães que, por viverem em condições subumanas, da coleta de lixo, não querem o mesmo destino para seus filhos. “Eu sinto a maior alegria do mundo. Eu não quero que eles catem lixo a vida inteira”, dizia ontem a dona-de-casa Leide Maria da Silva, com olhar fixo no ônibus, onde embarcaram cinco de seus 12 filhos (Edmilson, de sete anos; Edilson, de dez; Ednaldo, 12; Marcialdo, 13 e



Eurides e Aureliano acompanharam

Josinaldo, de 14 anos).

Nenhum desses cinco filhos de dona Leide sabiam sequer o que é entrar numa escola. Da mesma forma, a maioria das crianças da comunidade do “Lixão” não tinha até ontem esperanças de entrar numa sala de aula da rede pública de ensino. O

pouco que conseguiam estudar era resultado do esforço de dona Izolete e de mais 18 voluntárias. Izolete Leal Pereira foi uma das cinco mil 216 pessoas que literalmente vestiram a camisa da campanha “A escola bate à sua porta”, durante os dias 12, 13 e 14 de março.

Libertação — Dona Izolete de pronto se encarregou em catalogar e ajudar a matricular todas as crianças do “Lixão”. Para ela, a campanha da Secretaria de Educação representava a oportunidade maior de libertação dos meninos e meninas que passam a maior parte de seus dias entre crianças doentes na disputa de algo “aproveitável” nas toneladas de lixo descarregadas diariamente no aterro sanitário por caminhões do SLU.

Ela sabe, como poucos, o que é o sofrimento dessa gente, retratado em depoimentos como o de dona Maria Geralda, de 37 anos: “Ninguém está aqui por vontade ou porque gosta”.